

Camilla Läckberg

A Sombra da Sereia

Tradução do inglês
Ricardo Gonçalves



D. QUIXOTE

1

SABIA QUE, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, AQUILO VIRIA NOVAMENTE À LUZ DO DIA. ERA IMPOSSÍVEL ESCONDER ALGO ASSIM. CADA PALAVRA APROXIMARA-O DAQUELE ACONTECIMENTO INOMINÁVEL E REVOLTANTE. DAQUILO QUE ANDAVA A TENTAR REPRIMIR HÁ TANTOS ANOS.

AGORA, A FUGA DEIXARA DE SER UMA OPÇÃO. SENTIU O AR DA MANHÃ A ENCHER-LHE OS PULMÕES ENQUANTO CAMINHAVA O MAIS DEPRESSA QUE PODIA. O CORAÇÃO MARTELAVA-LHE O PEITO. NÃO QUERIA IR LÁ, MAS TINHA DE FAZÊ-LO. POR ISSO TINHA OPTADO POR DEIXAR QUE FOSSE O DESTINO A DECIDIR. SE ESTIVESSE LÁ ALGUÉM, TERIA DE FALAR. SENÃO CONTINUARIA O SEU CAMINHO PARA O TRABALHO COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO.

MAS A PORTA ABRIU-SE QUANDO BATEU. ENTROU E SEMICERROU OS OLHOS PERANTE A LUZ MORTIÇA. A PESSOA QUE ESTAVA À SUA FRENTE NÃO ERA QUEM ESPERAVA ENCONTRAR. ERA OUTRA.

O LONGO CABELO DA MULHER ABANAVA RITMICAMENTE DE UM LADO PARA O OUTRO QUANDO A SEGUIU ATÉ À SALA CONTÍGUA. COMEÇOU A FALAR, A FAZER PERGUNTAS. OS PENSAMENTOS NÃO PARAVAM DE GIRAR-LHE NA CABEÇA. NADA ERA O QUE PARECIA SER. AQUILO ESTAVA TUDO ERRADO. NO ENTANTO, PARECIA ESTAR CERTO.

DE REPENTE CALOU-SE. ALGO O ATINGIRA NO PLEXO SOLAR COM UMA FORÇA QUE LHE INTERROMPERA AS PALAVRAS A MEIO DA FRASE. OLHOU PARA BAIXO E VIU O SANGUE COMEÇAR A ESCORRER À MEDIDA QUE A FACA ERA RETIRADA DA FERIDA. ENTÃO, SENTIU UMA NOVA FACADA, MAIS DOR, E A LÂMINA AFIADA A TORCER-SE DENTRO DO CORPO.

PERCEBEU QUE ERA O FIM. TUDO TERMINARIA ALI, APESAR DE AINDA TER DEIXADO MUITO PARA FAZER, VER E EXPERIMENTAR. AO MESMO TEMPO, HAVIA UMA ESPÉCIE DE JUSTIÇA NO QUE ESTAVA A ACONTECER. NÃO MERECERA A BOA VIDA QUE TIVERA, NEM TODO O AMOR QUE LHE FORA DADO. NÃO DEPOIS DO QUE TINHA FEITO.

DEPOIS DE A DOR LHE TER ENTORPECIDO OS SENTIDOS E DE A FACA TER DEIXADO DE MOVER-SE, VEIO A ÁGUA. O BALANÇO RITMADO DE UM BARCO. E, QUANDO FOI ENVOLVIDO PELO MAR FRIO, TODAS AS OUTRAS SENSações CESSARAM.

A ÚLTIMA COISA QUE RECORDOU FOI O CABELO DELA. LONGO E NEGRO.



– MAS JÁ PASSARAM TRÊS MESES! Como é possível não o encontrarem?

Patrik Hedström olhou para a mulher à sua frente. Parecia mais exausta de cada vez que a via. Aparecia na esquadra de Tanumshede uma vez por semana. Todas as quartas-feiras. Desde o desaparecimento do marido, no início de novembro.

– Sabe que estamos a fazer tudo o que podemos, Cia.

A mulher assentiu sem dizer uma palavra. As mãos, que apertava no colo, tremiam-lhe. Então, Cia olhou para Patrik, os olhos marejados de lágrimas. Não era a primeira vez que Patrik via aquilo acontecer.

– Ele não vai voltar, pois não?

Agora, a voz também tremia, como as mãos, e Patrik teve de resistir ao impulso de contornar a secretária para ir dar à mulher frágil um abraço reconfortante. Porém, contra todos os seus instintos protetores, Patrik permaneceu frio e profissional, refletindo na resposta. Por fim, respirou fundo e disse:

– Não, julgo que não.

A mulher não fez mais perguntas, mas Patrik apercebeu-se de que as suas palavras apenas tinham reforçado o que Cia Kjellner já sabia. O marido nunca ia voltar para casa. No dia 3 de novembro, Magnus levantou-se às seis e meia da manhã, tomou um duche, vestiu-se, despediu-se primeiro dos dois filhos e depois da mulher, quando estes saíam para começar o dia. Pouco depois das oito da manhã, Magnus foi visto a sair de casa a caminho da Tanum Windows, a empresa onde trabalhava. Depois disso, ninguém sabia onde Magnus tinha ido. Não chegara a aparecer em casa do colega que lhe ia dar boleia para o escritório. Algures entra a sua própria casa, situada no bairro perto do campo desportivo, e a casa do colega,

junto do campo de minigolfe de Fjällbacka, Magnus Kjellner tinha desaparecido.

A polícia examinara todos os aspetos da sua vida. Tinha lançado um alerta geral e falado com mais de cinquenta pessoas, incluindo colegas de trabalho, familiares e amigos. Os agentes procuraram dívidas que o pudessem ter obrigado a fugir, assim como eventuais amantes secretas. Investigaram a possibilidade de Magnus poder ter desviado dinheiro da empresa – qualquer coisa que pudesse explicar porque é que um homem respeitável de quarenta anos, casado e com dois filhos adolescentes, saíra repentinamente de casa e desaparecera. Mas a polícia não tinha encontrado um único motivo. Nada indicia-va que tivesse viajado para o estrangeiro e não tinha sido levantado um cêntimo da conta conjunta do casal. Magnus Kjellner tinha simplesmente desaparecido sem deixar rasto.

Depois de ter acompanhado Cia à saída, Patrik bateu cautelosamente à porta de Paula Morales.

– Entre! – disse imediatamente Paula. Patrik entrou e fechou a porta atrás de si.

– Era outra vez a mulher dele?

– Sim – respondeu Patrik com um suspiro, sentando-se na cadeira reservada às visitas. Apoiou os pés na secretária da colega mas, depois de um olhar feroz de Paula, voltou rapidamente a pousá-los no chão.

– Achas que está morto?

– Receio bem que sim – disse Patrik, manifestando pela primeira vez a suspeita que sentira desde que Magnus tinha desaparecido. – Verificámos tudo e o tipo não tinha nenhum dos motivos habituais para desaparecer. Parece que um dia saiu simplesmente de casa e depois... esfumou-se.

– Mas não foi encontrado nenhum cadáver.

– Não, não há nenhum cadáver – disse Patrik. – E onde é que havemos de procurar? Não podemos dragar o mar todo, nem revistar todos os bosques em volta de Fjällbacka. Só nos resta ficar para aqui a rodar os polegares e esperar que alguém o encontre. Morto ou vivo.

Porque eu não faço a mais pequena ideia do que mais podemos fazer. E não sei o que dizer a Cia quando ela aparece aqui todas as semanas, à espera que tenhamos feito algum progresso no caso.

– Isso é apenas a maneira dela de lidar com a situação. Assim, Cia sente que está a fazer alguma coisa, em vez de ficar simplesmente em casa à espera de notícias. Eu ia dar em doida, se me tivesse acontecido a mim – Paula olhou de relance para a fotografia que tinha ao lado do computador.

– Sim, eu compreendo – disse Patrik. – Mas isso não torna as coisas mais fáceis.

– Não, claro que não.

Durante breves instantes, o silêncio desceu sobre o gabinete exíguo. Por fim, Patrik levantou-se.

– Vamos ter simplesmente de esperar que ele apareça. De uma forma ou de outra.

– Tens razão – disse Paula. Mas parecia tão deprimida como ele.



– BEM, QUE GORDA!

– Olha quem fala! – Anna apontou para a barriga de Erica enquanto fitava a irmã ao espelho.

Erica Falck virou-se para ficar de perfil, tal como Anna, e teve de concordar. Caramba, estava enorme. Parecia uma barriga gigante com uma pequena Erica presa a ela, apenas para disfarçar. E era exatamente assim que se sentia. Em comparação, o seu corpo tinha sido um milagre de flexibilidade quando estivera grávida de Maja. Mas, agora, Erica carregava dois bebês.

– Sabes que não tenho a mais pequena inveja de ti – disse Anna com a honestidade brutal de uma irmã mais nova.

– Muito obrigada – retorquiu Erica, abalroando-a com a barriga. Anna imitou-a e ambas quase perderam o equilíbrio. Por um momento, as irmãs esbracejaram no ar, esforçando-se para permanecer de pé, mas depois desataram a rir de tal maneira que tiveram de sentar-se no chão.

– Que absurdo! – disse Erica, limpando as lágrimas dos olhos. – Ninguém devia ficar assim. Sinto-me um cruzamento entre o Barbapapá¹ e aquele homem no filme dos Monty Python² que explode depois de comer um bombom de hortelã-pimenta.

– Bem, fico-te eternamente grata por estares grávida de gémeos. Graças a ti, e em comparação, sinto-me uma ninfa elegante.

– Obrigadinha – respondeu Erica, fazendo um movimento para levantar-se. Mas os seus esforços não surtiram qualquer efeito.

¹ Personagem oval de uma série de livros infantis franceses criada em 1970 por Annette Tison e Talus Taylor e mais tarde adaptada à televisão. (N. do T.)

² Referência ao filme britânico *O Sentido da Vida*, realizado por Terry Jones em 1983. (N. do T.)

– Espera, eu ajudo-te – disse Anna, mas também ela perdeu a batalha com a gravidade e acabou outra vez sentada no chão. Ambas tiveram o mesmo pensamento quando se entreolharam. E então gritaram em uníssono: – Dan!

– Que se passa? – perguntou Dan do rés do chão.

– Não conseguimos levantar-nos! – disse Anna.

– O quê?

Ouviram-no a subir as escadas em direção ao quarto onde estavam sentadas no chão.

– Que raio estão vocês a fazer? – inquiriu divertidamente Dan ao ver a noiva, Anna, e a irmã sentadas frente ao espelho de corpo inteiro.

– Não conseguimos levantar-nos – disse Erica com toda a dignidade que conseguiu convocar e estendendo-lhe a mão.

– Esperem, vou buscar a empilhadora – disse Dan, fingindo dirigir-se de novo ao rés do chão.

– Para com isso – retorquiu Erica enquanto Anna se ria tanto que teve de se deitar.

– *Okay*, vou tentar – Dan pegou na mão de Erica e começou a puxá-la para cima. – Upaaa! – gemeu.

– Podes fazer o favor de excluir os efeitos sonoros – disse Erica enquanto se punha lentamente de pé.

– Caramba, estás enorme – exclamou Dan, e Erica deu-lhe um soco no braço.

– Já disseste isso pelo menos uma centena de vezes e não és o único. Porque é que não paras de olhar assim para mim e te concentras antes na tua própria pança?

– Pronto, está bem – Dan estava agora a erguer Anna e depois deu-lhe um grande beijo na boca.

– Se vão pôr-se com essas coisas, deviam ir para um quarto – disse Erica, espetando Dan de lado com o dedo.

– Este é o nosso quarto – retorquiu Dan, voltando a beijar Anna.

– Tudo bem. Então, vamos concentrar-nos no motivo de eu estar aqui – disse Erica, dirigindo-se ao guarda-fatos da irmã.

– Não sei porque achas que posso ajudar-te – disse Anna, aproximando-se de Erica a bambolear-se como uma pata. – Não me parece que haja para aí nada que te sirva.

– Então o que é que achas que devo fazer? – Erica procurava por entre as roupas dos cabides. – O lançamento do livro de Christian é hoje à noite e a única coisa que me serve é a tenda de Maja.

– *Okay*, vamos tentar encontrar uma solução. As calças que tens vestidas ficam-te bem e acho que tenho uma camisa que talvez te sirva. Além disso, está-me demasiado larga.

Anna alcançou uma túnica bordada lilás pendurada no guarda-fatos. Erica despiu a *T-shirt* e enfiou a túnica pela cabeça com a ajuda de Anna. Fazê-la assentar na barriga foi como rechear um enchido, mas acabou por conseguir. Depois, Erica virou-se para o espelho e olhou-se com expressão crítica.

– Estás fantástica – disse Anna, ao que Erica resmungou em resposta. Perante a sua figura, «fantástica» soava excessivamente otimista, mas pelo menos estava decente e parecia ter feito um esforço para se arranjar.

– Isto serve – disse. Tentou despir a túnica sozinha, mas teve de desistir e deixar que Anna a ajudasse.

– Onde é a festa? – perguntou Anna enquanto alisava a túnica e voltava a pô-la no cabide.

– No Stora Hotellet.

– A editora foi simpática em fazer uma festa de lançamento para um autor estreante – disse Anna, dirigindo-se para as escadas.

– Estão bastante entusiasmados com o livro. E já houve uma quantidade de encomendas, o que é fantástico para um primeiro romance, por isso fazem-no com todo o gosto. E, pelo que me disse a editora, parece que a imprensa também está a dar grande apoio ao lançamento.

– Mas o que é que tu achas do livro? Calculo que tenhas gostado, senão não o tinhas recomendado à tua editora. Mas é assim tão bom?

– É... – Erica ponderou o que dizer sobre o livro enquanto descia cautelosamente as escadas atrás da irmã. – É mágico. Obscuro e bonito, inquietante e poderoso e... bem, mágico é a melhor palavra que me ocorre para descrevê-lo.

– Christian deve estar nas nuvens.

– Sim, acho que está mesmo – a resposta de Erica soou um pouco hesitante. Entrou na cozinha. Como conhecia bem os cantos à casa, dirigiu-se logo à máquina de café. – Ao mesmo tempo, Christian parece... – Erica parou de falar para não perder a conta às colheres de café que ia pondo no filtro. – Estava em êxtase quando o livro foi aceite para publicação, mas tenho a sensação de que o processo de escrita mexeu bastante com ele. Não sei ao certo, porque não o conheço assim tão bem. Não sei bem porque é que me pediu conselhos, mas fiquei muito contente por poder ajudar. E eu tenho realmente muita experiência na edição de manuscritos, apesar de não escrever romances. De início correu tudo bem e Christian parecia aberto a todas as minhas sugestões. Mas, no final, ficava às vezes um pouco retraído quando eu queria discutir determinadas questões. Na verdade, não consigo explicar. Mas ele é um pouco excêntrico. Talvez seja apenas isso.

– Então acho que encontrou a profissão certa – disse solenemente Anna.

Erica virou-se para encará-la.

– Quer dizer que, além de gorda, agora também sou excêntrica?

– E distraída, não te esqueças – Anna acenou com a cabeça na direção da máquina de café que Erica tinha acabado de ligar. – Funciona melhor se puseres água.

A máquina emitiu um sopro de concordância e Erica desligou-a, lançando um olhar severo à irmã.

Tratou de todas as tarefas domésticas habituais movendo-se como um autómato. Pôs a loiça na máquina de lavar, depois de passar os pratos e os talheres por água. Retirou os restos de comida

do ralo com a mão e esfregou o lava-loiça com a esponja, na qual deitara detergente. Depois molhou o pano da loiça, torceu-o e limpou a mesa da cozinha para remover todas as migalhas e manchas pegajosas.

– Posso ir a casa de Sandra, mãe? – perguntou Elin quando entrou na cozinha. O olhar desafiador no rosto da rapariga de quinze anos mostrava que já estava preparada para receber uma resposta negativa.

– Sabes que não podes fazer isso. Os avós vêm cá hoje à noite.

– Mas eles vêm cá tantas vezes. Porque é que tenho sempre de cá estar? – Elin falou mais alto e a voz assumiu aquele tom choroso que Cia não suportava.

– Eles vêm cá para estar contigo e com Ludvig. Sabes bem que iam ficar dececionados se não estivesses em casa.

– Mas é uma seca tão grande! A avó desata sempre a chorar e depois o avô diz-lhe para parar... Quero ir a casa de Sandra. Os meus amigos vão estar lá todos.

– Agora estás a exagerar – disse Cia, passando o pano da loiça por água e colocando-o sobre a torneira. – Duvido de que estejam «todos» lá. Podes ir a casa de Sandra noutra noite, quando os avós não nos vierem visitar.

– Se fosse o pai, deixava-me ir.

Foi como se os pulmões de Cia se tivessem contraído. Não conseguia fazer aquilo. Não conseguia lidar com a raiva e a rebeldia naquele momento. Magnus teria sabido como lidar com Elin. Teria conseguido resolver a situação. Mas ela não conseguia. Não sozinha, pelo menos.

– O pai já não está aqui.

– Então onde é que está? – gritou Elin, e as lágrimas começaram a fluir. – Para onde é que ele foi? O mais certo é ter-se fartado de ti e das tuas lamentações. És uma... uma... cabra!

Um silêncio absoluto desceu sobre a mente de Cia. Era como se todos os sons tivessem desaparecido e tudo em seu redor se tivesse transformado numa névoa cinzenta.

– O teu pai morreu – a voz de Cia parecia vir de outro sítio qualquer, como se fosse um estranho a falar.

Elin fitou-a.

– Morreu – repetiu Cia. Sentia-se estranhamente calma, como se estivesse a pairar sobre si própria e sobre a filha, observando pacificamente a cena.

– Estás a mentir – disse Elin a arfar, como se tivesse corrido vários quilómetros.

– Não estou a mentir. É o que a polícia pensa. E eu sei que é verdade – quando Cia se ouviu a dizer aquelas palavras, apercebeu-se de como eram verdadeiras. Recusara-se a acreditar, agarrando-se a uma ténue esperança. Mas a verdade é que Magnus estava morto.

– Como é que sabes isso? Como é que a polícia sabe?

– O teu pai não nos ia deixar assim sem mais nem menos.

Elin abanou a cabeça, como que para evitar que aquela ideia se inculcasse na sua mente. Mas Cia viu que a filha também sabia. Magnus nunca as teria deixado assim.

Deu alguns passos na cozinha e pôs os braços em torno da filha. Elin ficou hirta, mas depois relaxou e deixou-se abraçar como se fosse uma criança pequena. Cia acariciou o cabelo de Elin quando a rapariga começou a soluçar convulsivamente.

– Pronto – sussurrou Cia, sentindo a própria força a crescer enquanto a filha se rendia ao sofrimento. – Podes ir a casa de Sandra esta noite. Eu explico aos avós o que se passa.

Christian Thydell viu-se no espelho. Às vezes não sabia realmente que postura adotar perante a sua aparência. Tinha quarenta anos. De alguma forma, o tempo tinha passado a correr e Christian dava por si a olhar para um homem que, além de adulto, tinha já alguns cabelos grisalhos nas têmporas.

– Estás com um ar muito distinto.

Christian deu um pulo quando Sanna apareceu por detrás dele e lhe pôs os braços em torno da cintura.

– Assustaste-me. Não devias aparecer assim de repente – Christian livrou-se do abraço de Sanna e, antes de se virar, captou um vislumbre da expressão decepcionada da mulher no espelho.

– Desculpa – disse Sanna, sentando-se na cama.

– Também estás muito bonita – retorquiu Christian, sentindo-se ainda mais culpado quando viu como o elogio tinha feito com que os olhos de Sanna se iluminassem. Mas também se sentiu irritado. Detestava quando Sanna agia como um cachorrinho que abanava a cauda à mais pequena atenção do dono. A mulher era dez anos mais nova, mas às vezes parecia haver pelo menos vinte anos entre eles.

– Podes ajudar-me a pôr a gravata? – aproximou-se de Sanna, que se levantou e fez o nó com perícia. Ficou perfeito à primeira tentativa e a mulher deu um passo atrás para inspecionar o trabalho.

– Vais ser um sucesso, hoje à noite.

– Hum... – disse Christian, sobretudo porque não sabia o que Sanna esperava que respondesse.

– Mamã! Nils bateu-me! – Melker entrou no quarto a correr, como se uma matilha de lobos estivesse no seu encalço. Em busca de refúgio, o rapaz pôs os dedos pegajosos em torno da primeira coisa ao seu alcance: as pernas de Christian.

– Que chatice! – exclamou, afastando bruscamente o filho de cinco anos. Mas já era tarde de mais. Ambas as pernas das calças tinham agora manchas brilhantes de *ketchup* em torno dos joelhos. Christian esforçou-se por manter a calma – algo que parecia cada vez mais difícil nos últimos tempos.

– Não consegues manter os miúdos na linha? – disse irritadamente, desabotoando com gestos bruscos as calças do fato e preparando-se para vestir outras.

– Julgo que consigo limpá-las – disse Sanna, ao mesmo tempo que estendia a mão para agarrar Melker, que estava a caminho da cama com os seus dedos pegajosos.

– E como é que achas que consegues fazer isso se tenho de estar lá daqui a uma hora? Não tenho outro remédio senão mudar de calças.

– Mas eu acho que consigo... – Sanna parecia à beira das lágrimas.

– Toma mas é conta das crianças.

Sanna estremeceu a cada palavra, como se Christian lhe tivesse batido. Sem replicar, pegou em Melker pelo braço e conduziu-o para fora do quarto.

Depois de Sanna ter saído, Christian sentou-se pesadamente na cama. Olhou de relance para o espelho. Um homem de lábios contraídos. Envergando o casaco do fato, camisa, gravata e *boxers*. Curvado, como se todos os problemas do mundo lhe pesassem sobre os ombros. Tentou endireitar-se e pôr o peito para fora. Ficou logo com melhor aspeto.

Aquela era a sua noite. E ninguém lhe podia tirar isso.

– Alguma novidade? – perguntou Gösta Flygare, erguendo a cafeteira na direção de Patrik, que acabara de entrar na pequena cozinha da esquadra. Patrik assentiu, indicando que queria café e sentou-se numa cadeira junto da mesa. O cão, *Ernst*, ao aperceber-se de que estavam a fazer uma pausa, entrou pachorrentamente na cozinha e deitou-se debaixo da mesa, na esperança de que caísse algo comestível no chão que pudesse lamber.

– Toma – Gösta pôs uma chávena de café à frente de Patrik e, em seguida, sentou-se à sua frente. – Estás um bocado pálido – disse ele, estudando o colega mais novo.

Patrik encolheu os ombros.

– Só estou um bocado cansado. Maja não anda a dormir bem, por isso fica irritadiça. E Erica está completamente exausta. O que é perfeitamente compreensível. Portanto, as coisas não têm sido lá muito fáceis na frente doméstica.

– E ainda vão piorar – disse Gösta.

Patrik deu uma gargalhada.

– Ena, isso é encorajador. Mas acho que tens razão, se calhar vão mesmo.

– Então, não descobriste nada de novo sobre Magnus Kjellner?

– Gösta passou discretamente um biscoito a *Ernst* por debaixo da mesa e o cão bateu a cauda de felicidade contra os pés de Patrik.

– Não, nada de nada – respondeu Patrik, bebendo um gole de café. – Reparei que Cia esteve cá outra vez.

– Sim, é uma espécie de ritual obsessivo, mas julgo que não é de admirar. Como é que uma mulher havia de agir depois de o marido ter desaparecido subitamente?

– Talvez devêssemos falar com mais algumas pessoas – disse Gösta, dando outro biscoito à socapa a *Ernst*.

– Quem é que tens em mente? – Patrik apercebeu-se do tom irritado da pergunta. – Falámos com a família e com os amigos dele. Batemos às portas todas do bairro, afixámos avisos e pedimos informações à população através do jornal local. Que mais podemos fazer?

– Isso nem parece teu, desistir tão facilmente.

– Bem, se tiveres sugestões, gostava de ouvi-las – Patrik lamentou imediatamente o tom de voz brusco, apesar de Gösta não parecer ter ficado ofendido. – Parece terrível esperar que o homem apareça morto – acrescentou de modo mais sereno. – Mas estou convencido de que só então descobriremos o que lhe aconteceu. Aposto contigo que ele não desapareceu voluntariamente e, se tivéssemos um cadáver, pelo menos haveria alguma coisa por onde pegar.

– Acho que tens razão, é horrível pensar que o cadáver vai dar à costa algures ou que será encontrado na floresta. Mas tenho o mesmo pressentimento que tu. E deve ser pavoroso...

– Não saber, queres tu dizer? – perguntou Patrik, mudando os pés de lugar, pois estavam a ficar quentes sob o peso do cão.

– Bem, imagina não saberes onde está a pessoa que amas. É a mesma coisa para os pais quando uma criança desaparece. Há um *site* americano dedicado a crianças que desapareceram. Página atrás de página com fotos de crianças desaparecidas. Enfim, uma desgraça.

– Uma coisa dessas ia dar cabo de mim – disse Patrik. Imaginou aquele turbilhão maravilhoso que era a filha. A ideia de lhe ser tirada era insuportável.

– De que raio é que estão a falar? Parece que estão num velório – a voz alegre de Annika quebrou o clima sombrio quando a secretária se juntou a Gösta e a Patrik à mesa. O elemento mais jovem da esquadra, Martin Molin, não tardou a aparecer atrás dela, atraído por todas aquelas vozes vindas da cozinha e pelo cheiro do café. Martin estava agora a trabalhar em *part-time*, uma vez que estava em licença de paternidade, e aproveitava todas as oportunidades possíveis para conviver com os colegas e participar em conversas de adultos.

– Estávamos a falar de Magnus Kjellner – disse Patrik num tom que deixava claro que a conversa tinha terminado. Para certificar-se de que os colegas tinham percebido, mudou de assunto.

– Como é que estão a correr as coisas com a menina?

– Oh, ontem recebemos fotos novas – disse Annika, tirando algumas fotografias do bolso da túnica.

– Vejam como está crescida – a secretária pôs as fotografias sobre a mesa e Patrik e Gösta viram-nas à vez. Martin já tivera direito a uma visualização prévia quando chegara à esquadra nessa manhã.

– Ah, é muito bonita – disse Patrik.

Annika concordou com um assentimento.

– Está com dez meses.

– Quando é que vão buscá-la? – perguntou Gösta com interesse genuíno. Estava plenamente consciente de ter contribuído para convencer Annika e Lennart a considerarem seriamente a adoção. Por isso, de certo modo tinha a sensação de que a menina que aparecia nas fotografias também era sua.

– Bem, dizem-nos sempre coisas diferentes – disse Annika. Juntou as fotografias e voltou a enfiá-las cuidadosamente no bolso. – Mas julgo que será daqui a uns dois meses.

– Deve parecer uma longa espera – Patrik levantou-se e pôs a chávena na máquina de lavar loiça.

– Sim, é verdade. Mas, ao mesmo tempo... Pelo menos o processo foi iniciado. E sabemos que ela vai ser nossa.

– Sim, de certeza que vai – disse Gösta. Impulsivamente, pôs a mão sobre a mão de Annika, mas retirou-a logo a seguir. – Bem,

vou mas é trabalhar. Não tenho tempo para ficar aqui sentado a conversar – murmurou com constrangimento e levantando-se em seguida.

Divertidos, os três colegas observaram Gösta a sair preguiçosamente da cozinha.

– Christian! – a diretora editorial, tresandando a perfume, aproximou-se para lhe dar um grande abraço.

Christian prendeu a respiração para não ter de inalar o cheiro enjoativo. Gaby von Rosen não era conhecida pela subtileza. Tudo nela era sempre excessivo: demasiado cabelo, demasiada maquilhagem, demasiado perfume e, além de tudo isso, uma maneira de vestir que, de forma simpática, poderia descrever-se como surpreendente. Em honra da ocasião, Gaby usava um conjunto rosa-choque com uma rosa verde de pano na lapela e equilibrava-se perigosamente nuns sapatos com salto de agulha. Mas, apesar da sua aparência algo ridícula, como chefe da nova editora sueca que andava nas bocas de toda a gente, Gaby era uma força a ter em conta. Tinha mais de trinta anos de experiência na área e um intelecto tão agudo como a língua era afiada. Aqueles que a subestimavam como adversária nunca cometiam o mesmo erro duas vezes.

– Isto vai ser tão divertido! – exclamou Gaby, que tinha os braços esticados e as mãos nos ombros de Christian, enquanto lhe lançava um largo sorriso.

Christian, que continuava a inalar à força a nuvem de perfume, apenas conseguiu assentir.

– Lars-Erik e Ulla-Lena, aqui do hotel, têm sido simplesmente fantásticos, prosseguiu Gaby. – São tão atenciosos! E o bufete parece maravilhoso. É mesmo o local ideal para lançar o teu brilhante livro. E então, qual é a sensação?

Christian conseguiu finalmente livrar-se das mãos de Gaby e deu um passo atrás.

– Bem, tenho de admitir que é um tanto irreal. Ando a trabalhar neste livro há tanto tempo e agora... bem, cá está ele – Christian

olhou para as pilhas de livros sobre a mesa junto à saída. Conseguia ler o próprio nome na lombada de cada exemplar, assim como o título: *A Sereia*. Sentiu o estômago a revolver-se. Aquilo estava mesmo a acontecer.

– Ora bem, a nossa ideia é a seguinte – disse Gaby, agarrando-lhe o punho da camisa e puxando-o para junto dela. Sem oferecer resistência, Christian seguiu-a. – Vamos começar com uma reunião com os jornalistas que cá estão, para que possam falar contigo tranquilamente. Estamos muito satisfeitos com a resposta dos média. Estão cá os jornalistas do *Göteborgs-Posten*, *Göteborgs Tidningen*, *Bobusläningen* e do *Strömstads Tidning*. Não apareceu ninguém dos jornais nacionais, mas não faz mal, tendo em conta a excelente crítica que saiu hoje no *Svenska Dagbladet*.

– Uma crítica? – perguntou Christian enquanto era escoltado para um estrado pequeno ao lado do palco onde ia falar com os jornalistas.

– Conto-te mais logo – disse Gaby, sentando-o à força numa cadeira junto da parede.

Christian tentou recuperar o controlo da situação, mas sentia que tinha sido sugado para dentro de uma máquina de secar roupa, sem possibilidade de fuga. Ver Gaby a dirigir-se à saída, deixando-o para trás, apenas reforçou aquela sensação. Na sala, os assistentes apressavam-se de um lado para o outro, preparando as mesas. Ninguém lhe ligava nenhuma. Permitted-se fechar os olhos por um momento. Pensou no seu livro, *A Sereia*, e em todas as horas que passara sentado ao computador. Centenas, milhares de horas. Pensou nela, na Sereia.

– Christian Thydell?

Uma voz despertou-o do seu devaneio e Christian olhou para cima. O homem de pé diante dele estendia-lhe a mão e parecia estar à espera de que Christian reagisse. Então, este levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Birger Jansson, do *Strömstads Tidning* – o homem pousou um saco grande com uma máquina fotográfica no chão.

– Ah, sim, bem-vindo. Sente-se, por favor – disse Christian, sem saber bem como agir. Olhou em redor à procura de Gaby, mas captou apenas um vislumbre do seu traje rosa-choque, que adejava perto da entrada.

– Estão a apostar forte na publicidade ao seu livro – disse Jansson, olhando em redor.

– Pois, parece que sim – retorquiu Christian. Depois instalou-se o silêncio e ambos se contorceram nas cadeiras.

– Vamos começar? Ou esperamos pelos outros?

Christian lançou um olhar vazio ao jornalista. Como é que havia de saber? Nunca tinha feito aquilo. Mas Jansson parecia estar mais do que habituado, pois colocou um gravador sobre a mesa e ligou-o.

– Então – disse o jornalista, fitando Christian com olhar penetrante. – Este é o seu primeiro romance, não é?

Christian perguntou a si próprio se o jornalista esperava mais do que uma simples confirmação.

– Sim, é o primeiro – respondeu, aclarando a garganta.

– Eu gostei muito – disse Jansson num tom áspero que não casava bem com o elogio.

– Obrigado – retorquiu Christian.

– O que é que pretendeu transmitir ao escrever este livro? – Jansson inspecionou o gravador para se certificar de que estava a funcionar corretamente.

– O que é que pretendi transmitir? Bem, não sei ao certo. É um romance, uma história que estava guardada na minha mente e que precisava de sair.

– É uma história muitíssimo intensa. Uma história negra – arriscaria mesmo – disse Jansson, estudando Christian como se estivesse a tentar espreitar para os recessos mais profundos da sua alma. – É assim que vê a sociedade?

– Não sei se era a minha visão de sociedade que estava a tentar comunicar através do livro – afirmou Christian, procurando freneticamente algo inteligente para dizer. Nunca tinha

pensado assim na sua obra. A história tinha feito parte dele durante tanto tempo que, por fim, vira-se obrigado a passá-la para o papel. Mas será que isso tinha alguma coisa a ver com o que queria dizer acerca da sociedade? A ideia nunca lhe tinha ocorrido.

Por fim, Gaby foi em seu socorro, aparecendo com os outros jornalistas a reboque, e Jansson desligou o gravador quando todos se cumprimentaram e se sentaram em torno da mesa. O processo demorou vários minutos e Christian aproveitou a oportunidade para pôr os pensamentos em ordem.

Então, a editora fez um gesto para chamar a atenção de todos.

– Bem-vindos a este encontro em honra da nova superestrela do firmamento literário, Christian Thydell. Todos nós na editora estamos incrivelmente orgulhosos de apresentar o seu primeiro romance, *A Sereia*. E achamos que isto marca o início de uma longa e frutuosa carreira literária. Christian ainda não leu nenhuma das críticas, portanto, é com grande satisfação que posso dizer-te, Christian, que hoje apareceram comentários fantásticos no *Svenska Dagbladet*, no *Nyheter Dagens* e no *Arbetarbladet*, só para citar alguns. Deixem-me ler-vos algumas passagens.

Gaby pôs os óculos de leitura e pegou num pequeno maço de folhas que estava à sua frente, sobre a mesa. Contra o fundo branco sobressaíam frases destacadas com um marcador cor-de-rosa.

– «Um desempenho linguisticamente virtuoso que retrata o sofrimento das pessoas comuns sem perder de vista uma perspectiva mais ampla», segundo o *Svenska Dagbladet* – explicou Gaby, acenando com a cabeça a Christian e passando logo à próxima crítica. – «É agradável e doloroso ler o livro de Christian Thydell, já que a sua prosa seca revela as falsas promessas de segurança e democracia da sociedade. As suas palavras cortam como uma faca o músculo, a carne e a consciência, o que me fez continuar a ler com urgência febril, procurando, como um faquir, mais dor torturante mas ao mesmo tempo maravilhosamente catártica.» – Isto é do *Nyheter Dagens* –

disse Gaby, tirando os óculos ao mesmo tempo que entregava a Christian o maço de folhas com as críticas.

Incrédulo e atordoado, Christian pegou nas folhas. Ouvira as palavras e sentira-se bem ao ser envolvido pelos elogios, mas sinceramente não percebia do que estavam os críticos a falar. Tudo o que tinha feito era escrever sobre ela, contar a sua história. Deixara sair as palavras e tudo o que havia para dizer sobre ela numa torrente que, às vezes, o tinha deixado completamente exausto. Não tencionara pronunciar-se sobre a sociedade. Apenas quisera dizer algo sobre ela.

Mas reprimiu os protestos. Ninguém compreenderia, por isso talvez fosse melhor deixar as coisas assim. Nunca seria capaz de explicar.

– Fantástico – disse Christian, consciente de como as palavras lhe tinham saído vazias dos lábios.

Depois vieram mais perguntas. Mais elogios e comentários sobre o livro. E Christian apercebeu-se de que não conseguia dar uma resposta sensata a uma única pergunta. Como poderia descrever algo que lhe enchera os mais pequenos recantos da vida? Algo que não era simplesmente uma história – era também uma questão de sobrevivência. De dor. Christian fez o melhor que pôde, tentando falar com clareza e de forma refletida. Aparentemente, tinha-o conseguido, porque, de vez em quando, Gaby assentia em aprovação.

Quando a conferência de imprensa tinha finalmente terminado, Christian só queria ir para casa. Sentia-se completamente extenuado. Mas foi forçado a permanecer na belíssima sala de jantar do Stora Hotellet. Respirou fundo e preparou-se para receber os convidados que começavam a chegar. Sorria, mas o sorriso custava-lhe mais do que alguém poderia imaginar.

– Achas que consegues manter-te sóbria esta noite? – disse Erik Lind bruscamente e em voz baixa à mulher, para que as outras pessoas que estavam na fila à espera de entrar não o ouvissem.

– E tu? Achas que consegues manter as mãozinhas quietas esta noite? – respondeu Louise, sem se preocupar em sussurrar.

– Não sei do que estás a falar – disse Erik. – E fala mais baixo, por favor.

Louise olhou para o marido com frieza. Era um homem elegante – isso era inegável. E, há muito tempo, aquilo cativara-a. Conheceram-se na universidade e muitas raparigas tinham olhado para ela com inveja por ter caçado Erik Lind. Porém, desde então, Erik tinha desbaratado persistentemente todo o amor, respeito e confiança que Louise sentira por ele, fodendo sem parar. Não com ela, claro. Mas não parecia ter quaisquer problemas em encontrar amantes fora do leito conjugal.

– Olá! Também vieram? Que bom! – Cecilia Jansdotter aproximou-se deles e deu-lhes o obrigatório beijo na face. Era a cabeleireira de Louise, e Cecilia e Erik também eram amantes há cerca de um ano. Claro que ambos pensavam que Louise não sabia.

– Olá, Cecilia – disse Louise com um sorriso. Era uma rapariga encantadora e, se Louise guardasse rancor em relação a todas as mulheres que tinham dormido com o marido, não teria conseguido continuar a viver em Fjällbacka. Além disso, há anos que tinha deixado de se importar. Afinal, tinha as filhas. E uma invenção maravilhosa: aquelas embalagens de vinho com uma torneirinha. Para que é que precisava de Erik?

– É tão emocionante termos outro escritor, aqui em Fjällbacka! Primeiro Erica Falck e agora Christian. – Cecilia quase dava pulos de satisfação. – Leram o livro dele?

– Eu só leio revistas de economia – respondeu Erik.

Louise revirou os olhos. Era mesmo típico de Erik, flirtar afirmando que nunca lia livros.

– Espero que consigamos levar um exemplar para casa – disse Cecilia, aconchegando-se no seu casaco. Esperava que a fila andasse um pouco mais depressa para que pudessem sair do frio.

– Pois é, Louise é a grande leitora da família. Mas, bem vistas as coisas, não há muito mais para fazer quando não temos de trabalhar? Não é, querida?

Louise encolheu os ombros, ignorando a observação mal-intencionada. De nada adiantaria ressaltar que fora Erik quem insistira para que ela ficasse em casa enquanto as filhas eram pequenas. Nem que mourejava de manhã à noite para se certificar de que tudo corria sobre rodas na casa bem organizada que o marido dava por adquirida.

A conversa continuou à medida que avançavam lentamente. Conseguiram finalmente entrar no átrio do hotel e penduraram os casacos antes de descerem as escadas para o salão de jantar.

Com os olhos de Erik cravados nas costas, Louise foi direita ao bar.

– Tenta não fazer muitos esforços – disse Patrik a Erica, dando-lhe um beijo antes de a mulher sair de casa, precedida pela barriga enorme.

Maja choramingou um pouco quando viu a mãe desaparecer, mas a agitação parou assim que Patrik a sentou em frente à TV a assistir a *Bolibompa*. A série infantil com o dragão verde que Maja adorava estava a começar. Nos últimos meses, Maja tinha andado muito mais irritadiça e difícil, e os acessos de raiva que se seguiam sempre que lhe era dito «não» eram suficientes para fazer inveja a qualquer diva. Em parte, Patrik compreendia a reação da filha. Decerto que Maja também sentia o ambiente de alegre expectativa, assim como a apreensão que reinava em casa face à chegada dos dois irmãos. Caramba! Gémeos. Apesar de o saberem desde a primeira ecografia, feita quando Erica ia na décima oitava semana de gravidez, Patrik ainda não tinha verdadeiramente conseguido interiorizar a notícia. Às vezes, perguntava a si próprio como iriam conseguir. Já tinha sido tão difícil com um bebé! Como conciliar a amamentação e o sono, fora tudo o resto que um bebé exigia? Além disso, tinham de comprar um carro novo, um carro que fosse suficientemente espaçoso para as três crianças e os respetivos carrinhos. E essa era apenas uma das muitas questões a considerar.

Patrik sentou-se no sofá ao lado de Maja e olhou o vazio. Andava tão cansado nos últimos tempos. Era como se a sua energia estivesse permanentemente a ponto de esgotar-se e havia manhãs

em que mal conseguia levantar-se da cama. Mas talvez isso não fosse assim tão estranho. Além de tudo o que estava a acontecer lá em casa, com Erica tão desgastada e Maja transformada num pequeno monstro desafiador, Patrik estava a passar um mau bocado na esquadra. Desde que conhecera Erica, ele e os colegas tinham lidado com várias investigações de homicídio difíceis, e a natureza sombria da sua profissão, assim como a constante batalha com o chefe, Bertil Mellberg, estavam a começar a deixar marcas.

E agora tinham em mãos o desaparecimento de Magnus Kjellner. Patrik não sabia se era experiência ou instinto, mas estava convencido de que tinha acontecido algo ao homem. Era impossível saber se fora vítima de um acidente ou de um crime, mas Patrik apostava o distintivo em como Kjellner já não estava vivo. Encontrar-se todas as quartas-feiras com a mulher dele, que parecia cada vez mais triste e consumida, estava a começar a cansá-lo. A polícia tinha feito absolutamente tudo o que podia, mas Patrik não conseguia tirar a imagem do rosto de Cia Kjellner da mente.

– Papá! – Maja despertou-o dos seus devaneios, utilizando poderes vocais que só agora começava a aperceber-se de possuir. Estava a apontar o dedo para a televisão e Patrik viu logo o que tinha causado aquela crise. Devia estar mais absorto do que pensava, porque *Bolibompa* tinha terminado e estava a passar no ecrã um programa para adultos no qual Maja não estava minimamente interessada.

– O papá vai resolver isto – disse Patrik, erguendo as mãos. – Que tal a Pippi das Meias Altas?

Como Pippi era atualmente a grande favorita de Maja, Patrik sabia qual seria a resposta da filha. Foi buscar o DVD e, quando *Pippi e os Piratas* começou, sentou-se novamente ao lado de Maja, pondo-lhe o braço em torno dos ombros. Como um pequeno animal satisfeito, Maja aninhou-se contra o pai. Cinco minutos mais tarde, Patrik tinha adormecido.

Christian transpirava abundantemente. Gaby tinha acabado de dizer-lhe que estava quase na altura de subir ao palco. A sala de

jantar não estava propriamente cheia, mas havia cerca de sessenta pessoas com expressões expectantes sentadas às mesas, com pratos de comida e copos de cerveja ou vinho à frente. Christian não tinha conseguido comer o que quer que fosse, mas estava a beber vinho tinto. Ia agora no terceiro copo, mesmo sabendo que não devia beber muito. Não seria nada bom começar a arrastar as palavras ao microfone quando fosse entrevistado. Porém, sem o vinho, Christian sabia que não seria capaz de dizer nada de jeito.

Estava a inspecionar o salão quando sentiu uma mão no braço.

– Olá. Está tudo bem? Pareces um bocado tenso – disse Erica, olhando-o com preocupação.

– Acho que estou nervoso – admitiu Christian, aliviado por poder haver alguém a quem confessá-lo.

– Compreendo-te perfeitamente – disse Erica. – Fiz a minha primeira aparição pública num evento para autores estreantes, em Estocolmo, e tiveram praticamente de despegar-me do chão com um raspador. E não consigo recordar-me de nada do que disse quando estive no palco.

– Tenho a sensação de que também vão ter de raspar-me do chão – retorquiu Christian, levando a mão ao pescoço. Por um instante, pensou nas cartas e então foi dominado pelo pânico. Os joelhos dobraram-se e, se Erica não o tivesse apoiado a tempo, ter-se-ia estatelado no chão.

– Cuidado! – disse Erica. – Parece-me que já bebeste uns copos a mais. O melhor é não beberes mais nada antes de subires ao palco – Erica tirou cuidadosamente o copo de vinho tinto da mão de Christian e pousou-o na mesa mais próxima. – Prometo-te que vai correr tudo bem. Gaby vai começar por apresentar-te a ti e ao teu romance. E depois eu faço-te algumas perguntas... aquelas de que já falámos. Confia em mim, o único problema vai ser içar este corpanzil para o palco.

Erica riu-se e Christian imitou-a. O riso não viera do coração e o tom fora um pouco estridente, mas a piada resultara. Christian relaxou um pouco e sentiu-se a respirar novamente. Afastou a

lembrança das cartas para longe. Não ia deixar que aquilo o afetasse nessa noite. Tinha dado voz à Sereia através do seu livro, portanto, o assunto estava arrumado.

– Olá, meu amor – Sanna foi ter com eles, os olhos a brilhar quando olhou em torno do salão. Christian sabia que aquele era um grande momento para a mulher. Talvez até mais importante do que para ele.

– Estás linda! – disse Christian, e Sanna deleitou-se com o elogio. Estava realmente muito bonita. Christian sabia que tinha sido uma sorte conhecê-la. Sanna aturava-lhe muita coisa, mais do que a maioria das pessoas estaria disposta a suportar. A mulher não tinha culpa por não conseguir preencher aquele vazio que sentia. Provavelmente, ninguém o conseguiria. Christian pôs-lhe o braço em torno da cintura e beijou-lhe o cabelo.

– Que belo casal! – Gaby acercou-se deles, martelando o soalho com os saltos altos. – Alguém te mandou flores, Christian.

O escritor fitou o buquê que Gaby segurava. Era bonito mas simples, composto apenas por lírios brancos.

Com os dedos a tremer descontroladamente, Christian pegou no envelope branco preso ao buquê. Tremia tanto que o abriu a custo, mal tendo consciência dos olhares surpresos que as duas mulheres junto dele lhe dirigiam.

O cartão também era muito simples. Branco, de papel espesso e com uma mensagem escrita a tinta preta, na mesma caligrafia elegante utilizada nas cartas. Christian leu as palavras com espanto. E, então, tudo ficou escuro diante dos seus olhos.